

Lisboa, Livro de Bordo, de José Cardoso Pires

# A perversidade do cantar

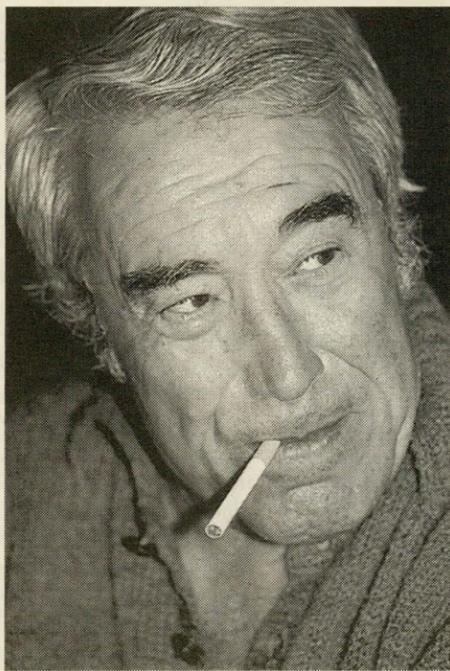
Torcato Sepúlveda

O romancista José Cardoso Pires guia os leitores, em "Lisboa, Livro de Bordo", numa viagem alucinante pela cidade do Tejo. Cidade de partida, mas sobretudo porto de abrigo obsessivo. Através de poemas, quadros, azulejos, desenhos de calçadas, bares, gente anónima, o autor faz o retrato de uma cidade cheia de cor e de sons. Uma cidade não-branca, uma cidade perversa no cantar.



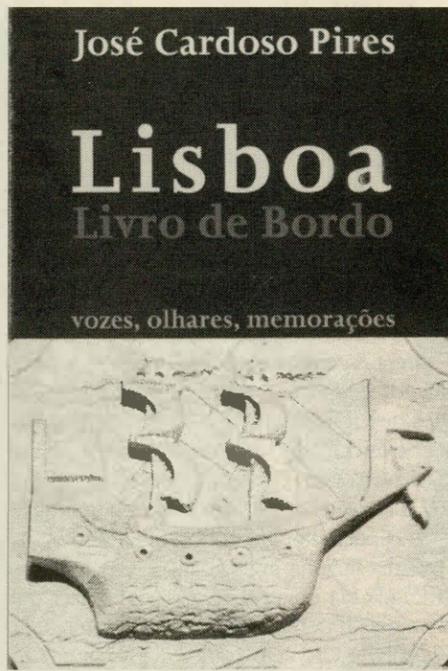
**N**ão poderia ser mais bem escolhido o autor do álbum "Lisboa, Livro de Bordo" (ed. Expo 98 e Dom Quixote). Porque não há ninguém que tenha entendido e amado Lisboa como José Cardoso Pires. Lisboaeta, o autor de "Alexandra Alpha" (ed. Dom Quixote) não ama Lisboa por ter nascido no bairro de Arroios. Ele teria amado Lisboa mesmo que tivesse nascido em Braga, ou em Évora, ou em Tavira, ou no Porto, o que não é pouco dizer.

Nasceu em Arroios e ama a cidade do Tejo porque a escolheu, com o desvario e a calma doida das paixões obsessivas. Neste "Livro de Bordo", Cardoso Pires navega à bolina numa cidade imaginária. Imaginária, sim, porque é a cidade criada por ele, como cada mulher é desejada de forma diferente por cada homem. Ele — num exemplo pouco português de antimarialvismo — lembra outros amantes de Lisboa: Camões, Chiado, Bocage, Cesário Verde, Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Alexandre O'Neill, Dinis Machado, Lobo Antunes. E vai-lhes seguindo os passos do namoro, com humildade, buscando em cada um a individualidade da amada. Afinal, todos a amaram, mas só um deles parece ter encontrado o tom da voz de Lisboa, O'Neill. Cardoso Pires explica como é que o outro vivia a paixão: "(...) em O'Neill o que domina é a quase perversidade do cantar, aquele trilar ladino assente no mandar-vir e no cuspir fininho com que o lisboeta tece o discurso mais traquejado. Leio-o e, a cada frase, estou a ouvir a cidade na tal entoação que a torna singular. Uma entoação que só volto a descobrir no fado mais na-



tivo e mais de bairro que hoje em dia é prenda rara de escutar."

A entoação, o falar malandro, a ginga, portanto. Há mais, há mais. Nem só os escritores, sobretudo os poetas, recolheram, na taça sagrada do texto, o fascínio de uma cidade que olha do alto um rio imenso que parte para o mar, um rio que convida à viagem, mesmo quando a viagem é interior como acontecia com Pessoa. Os pintores também lhe esboçaram o carácter: Carlos Botelho, António Soares, Abel Manta, Almada Negreiros, Júlio Pomar, Vieira da Silva, Mário Eloy, João Abel Manta, Júlio Resende, Costa Pinheiro, Paula Rego. E essa simultaneamente contida e excessiva "Rua Augusta à Noite", do pintor menor José de Campos Contente. Não é por acaso que Cardoso Pires sublinha a importância da tela de Contente, porque ela é sóbria e alegre, porque ela tem cor. A tela tem cor, como Lisboa tem cor. Por isso, Cardoso Pires se irrita com o filme "A Cidade Branca", de Tanner. Lisboa não é branca, como toda a gente sabe, excepto turistas japoneses e cineas-



tas de "cliché". Lisboa tem a cor suicidária de "Alto de Santa Catarina", de João Abel Manta. Ponto final, parágrafo.

## A CALÇADA DOIDA

A deriva lisboeta de José Cardoso Pires embrenha-se depois pelas calçadas lisboetas, com os seus desenhos, por vezes loucos, de uns artesãos ajoelhados. Na calçada, o transeunte revê, em espelho, as figuras que admirara nos azulejos: naus, corvos, pavões, gaiotas. A gente vê e calca esta geometria que desce às catacumbas, quando os mesmos temas se repetem nos subterrâneos do metro, pintados por artistas contemporâneos. Afinal, a cidade ginga, não apenas no falar, mas também na imagem que dá de si mesma. Aliás, as calçadas alfacinhas fascinam Cardoso Pires. Recorda, como já o havia feito na narrativa "Viajante Anunciado", incluída em "A Cavalhada no Diabo" (ed. Dom Quixote), uma Daisy, inscrita na calçada do passeio da Avenida de Roma, frente a uma "boutique". Sim, sim, para Cardoso Pires, essa Daisy é a de

Álvaro de Campos, a do "Soneto Já Antigo": "Se tu, Daisy, em vez da lorque para onde te mandou o Álvaro de Campos, resolvesse aparecer por cá, verias os empedrados artísticos que estão espalhados aqui à volta pelos pátios, avenidas, pelos corredores de certos centros comerciais e até nos cemitérios. Nos cemitérios, não estou a exagerar: pelo menos no do Alto de São João, um coração tantas vezes trespassado pela seta dos namorados repousa agora, entre campas e ciprestes, traçado a pedra de luto e envolto em espinhos de Deus."

A gente calca estes sinais que reflectem já os sinais que encontramos nas paredes: sinais maçónicos em cervejarias, uma pomba aqui, uma gaiota ali. E gatos, e corvos. Porém, este bestiário é superlativizado no Palácio Fronteira, em São Domingos de Benfca, "noura Lisboa". Parece que um fidalgo francês ali se recolheu, no século XVII, depois de ter sido capado. O Senhor de Jaume era um libertino que deu muito prazer a damas, mas parece que o tirou a certos cavalheiros. Depois de circuncisão radical, levada a cabo pela única mulher que amou, pediu guarida ao Senhor do palácio, que lha deu largamente. Alguém pintou então, em azulejos fabulosos, a sociedade frequentada por De Jaume. Bestiário fantástico: "Ali as personagens humanas têm rostos de macacos com penetrados de sapiência e os animais assumem-se como humanos nas expressões e nas atitudes. Há gatos palacianos a estudar música com um mestre de solfejo e com um frade mono, e há outros em cadeira de barbeiro com um homem-símio aos pés. Num gabinete de curandeiro um bichano de bigodes austeros e olhos frios estende uma pata à observação do físico que encobre toda a sua ignorância com um monóculo posto á pressa.", etc., etc.

## PLASTIFICAR O TEMPO

Deixemos a imagem que Lisboa dá de si própria. José Cardoso Pires deriva, sem bússola, na companhia de Sebastião Opus Night — personagem do romance "Alexandra Alpha", retomada em "A Cavalhada no Diabo" — num terreno que conhece bem, mas onde se perde, os bares: o British, com o seu relógio de ponteiros que giram ao contrário, a querer plastificar o tempo; o Americano, já decadente, onde ecoam antepassadas vozes nórdicas de importadores e exportadores de mercadorias improváveis; o mais recatado e intelectual Procópio, falsamente barroco; o Pavilhão Chinês, cujos frequentadores Cardoso Pires já não entende. E, lá adiante, o Tejo, sempre o Tejo, mais porto de abrigo do que estrada de partida. É esta a Lisboa que amamos. É esta a cidade a que regressamos sempre, na vertigem cíclica do tempo.

Amamos esta Lisboa. Há, porém, outra Lisboa que detestamos, a do caos urbanístico, da gritaria das buzinas, dos peões atropelados por automóveis bêbedos. A Lisboa infernal dos bairros de lata: Curraleira, Pedreira dos Húngaros, Fontainhas, Cambodja, Casal Ventoso. José Cardoso Pires não fala dessas outras Lisboas desamparadas. É pena, porque é um romancista urbano, que escreve com velocidade cinematográfica. Gostaríamos de visitá-las com ele. Guiados por ele. Talvez um dia... ■